

Empresários morrem de medo de um novo congelamento

131
Marco Antonio Antunes

SÃO PAULO — O nível de apreensão visto entre os empresários com a agitação ocorrida em todos os mercados na semana passada chegou a tal ponto de intensidade que Mário Amato, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), apelou publicamente, a todas as empresas, que não elevassem seus preços, por estar certo, após conversar com o ministro Bresser Pereira, de que não haverá um novo congelamento dos preços.

Pouco adiantou, ao que parece. Girsz Aronson, presidente da G. Aronson — uma rede de lojas de eletrodomésticos que em épocas de escassez se dá ao luxo de vender também no atacado, inclusive para grandes grupos, como Pão de Açúcar, Mesbla e Mappin —, resistiu como pôde à pressão das indústrias, que em uma semana promoveram reajustes de 25% a 50%.

— Não estou entendendo mais nada — reclamou o empresário. — Parece que a intenção do governo foi mesmo induzir as empresas a aumentar os preços desenfreadamente.

Apesar disso, Girsz Aronson não acredita que Bresser Pereira tenha feito o "anúncio" com má intenção. Entretanto, não nega que "foi um ato infantil".

Independente da intenção do ministro da Fazenda, Eugênio Staub, dono da Gradiente, também teve de resistir bra-

vamente às pressões dos fornecedores por aumentos descabidos. Nem todos, é claro, agiram sob o impulso da inesperada onda, mesmo porque a Gradiente chegou a ameaçar nada comprar de quem procurou "aproveitar-se da situação".

Não ao congelamento — A maioria dos empresários paulistas considera uma temeridade a idéia, aparentemente já descartada, de aplicar um novo choque com congelamento geral de preços, tarifas e salários. "Acho melhor deixar as coisas se acalmarem para depois decidir sobre o que fazer", pondera Pedro Eberhardt, presidente do Sindicato Nacional das Indústrias de Autopeças (Sindipeças).

Da mesma forma que André Beer, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Eberhardt defende a manutenção dos mecanismos que, a partir de março, trouxeram o Brasil de volta à economia de mercado. Também ele "por princípio" é contra qualquer tipo de congelamento ou tabelamento.

Espremidos entre as incertezas desencadeadas pelas constantes mudanças das regras do jogo econômico e as pressões de seus amedrontados fornecedores, os empresários defendem como podem as liberdades conquistadas após o fracasso do Plano Cruzado. Mário Amato chega a negar o que Bresser Pereira vinha defendendo, mesmo antes de assumir a pasta da Fazenda.

Arquivo — 27/4/87



Funaro era contra qualquer acordo com o FMI